

idade de 73,38±11,28 anos (87,5% mulheres). A intervenção consistiu em um protocolo de exercício físico combinado em grupo com duração de 8 semanas, 2 vezes semanais, 1 hora/sessão. A avaliação da cognição (Mini Exame do Estado Mental) e coleta sanguínea (15 ml) para dosagem epigenética (mensurada através de kit comercial ELISA) foram realizadas pré e pós intervenção. Resultados: Observou-se melhora significativa da cognição após intervenção ($p<0,05$) e houve tendência no aumento dos níveis de acetilação global da histona H3 ($p=0,066$). Conclusões: O protocolo de treinamento físico foi capaz de melhorar cognição em idosos hígidos institucionalizados, o que parece estar relacionado, pelo menos em parte, com aumento no status de acetilação global da histona H3.

2275**TREINAMENTO DOS MÚSCULOS DO ASSOALHO PÉLVICO ASSOCIADO OU NÃO AO USO DO ESTÍMULO VIBRATÓRIO INTRAVAGINAL EM MULHERES COM INCONTINÊNCIA URINÁRIA: UM ENSAIO CLÍNICO RANDOMIZADO**

MARINA PETTER RODRIGUES; JENNIFER FERNANDES BENEDETTO; THÁISE BESSEL; LUCIANA LAUREANO PAIVA ; JOSÉ GERALDO LOPES RAMOS

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: A incontinência urinária (IU) tem o treinamento dos músculos do assoalho pélvico (TMAP) como tratamento conservador, podendo associar ao estímulo vibratório intravaginal (EVIV). Acredita-se que a vibração de um músculo esquelético gera uma contração pelo estiramento das unidades musculotendíneas, o que é chamado de reflexo tônico de vibração. Ademais, sugere-se que a vibração direta no assoalho pélvico gera contrações por impulsos aferentes via nervo pudendo. Objetivos: Comparar o TMAP associado ou não ao EVIV no tratamento de mulheres com IU. Materiais e métodos: Ensaio clínico randomizado cego realizado em um hospital escola. Incluíram-se mulheres com IU, que sabiam contrair voluntariamente os músculos do assoalho pélvico (MAP), que não realizaram TMAP nos últimos 6 meses e com compreensão dos instrumentos da pesquisa. Excluíram-se aquelas com alergia ao látex, doenças neurológicas, prolapso de órgão pélvico > a grau 2 e dor importante à palpação vaginal. Os dados foram coletados através de anamnese, questionário de qualidade de vida International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short form (ICIQ-SF) e os MAP foram avaliados pela Escala New PERFECT, que avalia os componentes contráteis através de palpação vaginal. Aquelas incluídas foram randomizadas em: TMAP associado ao EVIV e TMAP sem associação de quaisquer estímulos. Para o EVIV foi utilizada uma sonda intravaginal, com parâmetros fixos de estimulação: 95 hertz de frequência, 5 segundos de tempo on, 10 segundos de tempo off, durante 20 minutos. Orientou-se a contração dos MAP durante o ciclo on. O TMAP sem EVIV foi realizado em sessões de grupo. As mulheres receberam orientações de hábitos vesicais e exercícios domiciliares. Os protocolos consistiram em oito sessões, uma vez por semana. Devido à amostra pequena, utilizaram-se testes não paramétricos para as comparações. Os dados quantitativos foram expressos em mediana e amplitude interquartil e os dados qualitativos em frequência absoluta e relativa. Resultados parciais: Doze mulheres foram randomizadas para o estudo (EVIV=5; TMAP=7). Quatro completaram o protocolo de TMAP associado ao EVIV e cinco completaram o TMAP isolado. As mulheres eram múltiparas, a mediana de idade foi de 53,50 anos e IMC de 27,75kg/m². A maioria apresentava IU de esforço (66,7%). Nessa análise preliminar, não houve diferenças significativas quanto à funcionalidade dos MAP e qualidade de vida intra e intergrupo entre o pré e pós-tratamento.

2280**FISIOTERAPIA PÉLVICA NAS DISFUNÇÕES MICCIONAIS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

GIULIA DE OLIVEIRA SILVEIRA; BIBIANA MOURA RAMBORGER; CAROLINA SILVA DA SILVA; JENNIFER FERNANDES BENEDETTO; KELLY ANDARA DE AZEVEDO; LARA ROMAGNA; LUCIANA LAUREANO PAIVA; PATRIC MACHADO TAVARES; SUZANA MALLMANN; TIAGO ELIAS ROSITO

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O Ambulatório de Fisioterapia Uropediátrica é um projeto de extensão de uma Universidade Pública que foi criado em julho de 2019 em parceria com a equipe multiprofissional do Grupo de Urologia Infantil de um Hospital Público de Porto Alegre. O propósito do projeto é o desenvolvimento de ações na área de Fisioterapia Pélvica voltada a crianças com disfunções miccionais, usuárias do SUS e atendidas pela equipe de urologistas do ambulatório do hospital.

Os pacientes consultam inicialmente com a equipe de urologistas e, dependendo do caso, são encaminhados para o atendimento da Fisioterapia Uropediátrica. A conquista deste primeiro ano foi a incorporação da fisioterapia ao serviço da urologia infantil e a criação de uma agenda da fisioterapia integrada ao sistema do hospital. Até o presente momento, atendemos 8 pacientes que, junto de seus familiares, atingiram as expectativas e satisfação com o tratamento.

O atendimento fisioterapêutico conta com um protocolo de tratamento bem estruturado, baseado nos guidelines da Sociedade Internacional de Continência da Criança e da Sociedade Brasileira de Urologia. Uma análise prévia de prontuários e exames, preenchimento da ficha de anamnese e acompanhamento do diário miccional e evacuatório são métodos usados para a avaliação; a uroterapia, a neuromodulação, o biofeedback e a cinesioterapia são os recursos do tratamento fisioterapêutico. E, por tratar-se de crianças, o atendimento ocorre de modo lúdico para incluí-las ativamente no seu próprio tratamento.

O espaço proporcionado pelo Ambulatório de Fisioterapia Uropediátrica possui potencial para contribuir com a produção de novos conhecimentos nessa área, bem como atuar na comunidade atendida através de uma prática clínica baseada em evidências científicas. Durante a pandemia, com a suspensão dos atendimentos ambulatoriais, a equipe da fisioterapia, composta por acadêmicos e profissionais, permanece conectada e atuante através de reuniões on-line, semanais, de discussões de casos clínicos e de artigos científicos.

A presença desse projeto na área de Fisioterapia Uropediátrica, proporcionou a integração entre ensino e serviço e criou um espaço para a pesquisa e produção de novos conhecimentos em um Hospital Público, representando uma inovação em Porto Alegre nesta área de atuação, proporcionando para esses pacientes e seus familiares um tratamento eficaz que contribui com a melhora na qualidade de vida e um desenvolvimento mais saudável.

2296

AVALIAÇÃO DA FUNCIONALIDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM OSTEOGÊNESE IMPERFEITA

ARTHUR CHEREM NETTO FERNANDES; TÊMIS MARIA FÉLIX

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: A osteogênese imperfeita (OI) é uma doença genética rara, relacionada a síntese do colágeno tipo I. Caracterizada pelo elevado número de fratura, pode levar a deformidades, diminuição da força muscular e baixa estatura, que somados a fatores biológicos e ambientais podem comprometer a funcionalidade. **Objetivos:** avaliar a funcionalidade de crianças e adolescentes com OI. **Metodologia:** Estudo transversal realizado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (CAAE: 15257519.0.0000.5327). Os critérios de inclusão foram o diagnóstico clínico de OI e idade entre 6-19 anos. Nos critérios de exclusão estavam a ocorrência de fratura nos últimos 4 meses e resultado da Escala Visual Analógica da Dor de 5 ou mais pontos. A força foi mensurada através da dinamometria de preensão palmar, o equilíbrio através da Pediatric Balance Scale (PBS), a hipermobilidade pelo escore de Mobilidade de Beighton. A funcionalidade foi avaliada pelo Pediatric Evaluation of Disability Inventory-Computer Adaptive Test (PEDI-CAT), que quantifica as habilidades das crianças em 4 domínios – atividades diárias, mobilidade, social/cognitivo e responsabilidade, sendo que um escore-T <30 é indicativo de deficiência grave. **Resultados:** Foram incluídas 11 meninas e 11 meninos com média de idade de 13,04±4,06 anos. OI tipo I compôs 77,27% da amostra, tipo IV 13,63% e tipo III e V representaram 4,54% cada. A força de preensão palmar foi significativamente menor que a média de mesma idade ($p < 0,001$) e 68,18% apresentaram hipermobilidade no escore de Beighton. A media da PBS foi 46,23±14,17, sendo o maior resultado possível 56, sendo que quanto menor o resultado, pior o equilíbrio da criança. Na avaliação da funcionalidade as crianças e adolescentes com OI apresentaram um escore <30 apenas no domínio Mobilidade (24±18,29). Nas atividades diárias os valores estavam dentro da media esperada (39,81±14,71). Os domínios social/cognitivo e responsabilidade apresentaram uma media de 44,05 e 46,55 respectivamente. **Conclusão:** Os achados sugerem que as crianças com OI apresentam um menor desenvolvimento em atividades relacionadas a mobilidade e uso de força, porém podem realizar as atividades de vida diária, aquisição de independência e relacionamentos de forma comparável a crianças com desenvolvimento típico.

O estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

2318

INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA ESPECÍFICA PARA ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL

LUCAS LORENSI VIANA HEINRICH; ANDRIELLE CHRISTINE ROSA FARIAS; TATIANA FRAGA DALMASO; BRUNA BORBA NEVES

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno que pode afetar o desenvolvimento da comunicação, competências cognitivas, controle de emoções e interação social. O Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSi) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre presta atendimento especializado para crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes, incluindo o TEA. Atualmente, dos 88 usuários com diagnóstico, 10 são do TEA. Entre as ações do serviço estão: consultas, atendimentos individuais, grupos e oficinas. Para realizar o acompanhamento, o CAPSi possui uma equipe multiprofissional, na qual se insere a educação física.

Objetivo: Apresentar o relato de experiências de uma intervenção terapêutica para adolescentes com TEA.

Metodologia: A intervenção foi coordenada pela profissional, residente e estagiário do núcleo da educação física. Os encontros tiveram duração de uma hora e trinta minutos, ocorreram semanalmente entre agosto de 2019 e março de 2020. O objetivo do atendimento foi: possibilitar o desenvolvimento da autonomia, de aspectos motores, afetivos e sociais através de atividades de vida diária e práticas corporais. Participaram da abordagem dois adolescentes com TEA que apresentavam dificuldades nas interações sociais, e não conseguiam manter-se em atividades em grupo. A intervenção seguia uma rotina: iniciava com o café da manhã, realizavam-se as práticas corporais, quadro do comportamento - no qual os usuários avaliavam a participação na atividade - e, por fim, o momento livre, em que podiam escolher uma atividade para realizar e uma música para escutar.

Observações: Durante as práticas corporais, o nível de complexidade das atividades e a integração entre participantes ocorreriam progressivamente. Iniciava-se pela a exploração de materiais e movimentações simples de forma individualizada. Em seguida, eram propostas atividades que envolviam a interação com a equipe e após, com o colega.

Considerações finais: Devido a heterogeneidade dos adolescentes com TEA, foi necessária a criação de ambiente acolhedor e estimulante para usuários que não se integram nos grupos vigentes. Percebemos, durante o atendimento, a melhora da autonomia, dos aspectos motores, das habilidades afetivas e sociais. Um dos desafios para efetivação deste tipo de abordagem relaciona-se com a necessidade de ter um membro da equipe por usuário, o que, diante da demanda do serviço, impossibilita aumentar a frequência dos atendimentos.